

# A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR MEDIADOR E A MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

*Géssica Elias de Paulo Coelho<sup>1</sup>*

*Paula Cristina Pacheco Silva<sup>1</sup>*

*Thalitta Fernanda de S.F. Lopes<sup>1</sup>*

## RESUMO

O Artigo constitui-se em uma contribuição para que se reflita de que forma a mediação e motivação podem contribuir na prática docente e na construção da aprendizagem. Enfatizando o desenvolvimento cognitivo da criança, ressaltamos a importância do papel do professor como agente mediador e motivador do processo, nesse sentido, a reflexão parte do princípio de que a aprendizagem só acontece se houver uma relação de cumplicidade e confiança entre professor e aluno, conseguida por meio da mediação e motivação. Uma criança desestimulada não demonstra interesse pelo conteúdo apresentado e conseqüentemente não aprende, é dever do professor tornar o espaço propício contribuindo de forma consciente e favorável para a construção de um cidadão crítico, reflexivo e ético, que respeite a igualdade de valores e direitos dentro da sociedade. É preciso ficar claro que, a importância dessa temática em como se aplicar na prática a mediação e motivação para uma aprendizagem significativa, abre caminho para a discussão pelo que se deseja buscar, e o que representa uma educação de qualidade. Ao se tratar desses dois aspectos, compreende-se a importância da satisfação e realização do “eu necessário a todo desenvolvimento humano”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construção- Aprendizagem- Professor- Mediação Motivação- Aluno- Educação.

## ABSTRACT

The article is a contribution to reflect on how mediation and motivation can support the teaching practice and the construction of learning.

By emphasizing the cognitive development of children, we highlight the importance of the teacher as mediator and motivator of the process in this regard; the reflection assumes that learning only takes place if there is a relationship of complicity and trust between teacher and student, achieved through mediation and motivation.

A discouraged child shows no interest in the content presented and therefore does not learn. It is duty of the teacher to make the space conducive, contributing in a favorable and conscious way to the development of a critical, reflective and ethical citizen, respectful of the values of equality and rights within the society.

It must be clear that the importance of this theme on how to apply mediation and motivation in practice for a meaningful learning opens the way for the discussion of what one wants to search, and what quality education is.

---

<sup>1</sup> Acadêmicas do curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra - MULTIVIX

By approaching these two aspects, we understand the importance of satisfaction and fulfillment of "I" necessary for all human development.

**KEYWORDS:** Development / Learning / Teacher / Mediation / motivation / Student / Education.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo discute a mediação e motivação como prática docente para a construção da identidade e saber de cada criança, na tentativa de formar seres reflexivos e conscientes de sua responsabilidade social. A escola, no processo de formação do ser, por meio de ações pensadas e respeitando as diferenças, deve ter clareza em suas propostas para que atenda com equidade e equilíbrio, os diferentes aspectos inerentes ao processo, não só de aprendizagem, mas também do comportamento, já que o grande desafio hoje é aceitar as diferenças, culturas, meio sociais e interesses de cada indivíduo, que age por diversos motivos e diferentes razões motivadas ou não.

Nessa perspectiva, entende-se que a motivação e mediação são de suma importância, pois desperta confiança nos alunos, criando sua autonomia. Desse modo, as ações são percebidas e realizadas pelo professor, por meio do contato, interação e troca. A forma mais positiva de adquirir conhecimento é com mediação incitando a motivação, o pensamento de que mediar, gera o desenvolvimento, que gera o conhecimento.

Um bom estímulo provoca, ao contrário não existiria qualquer interesse, resultando em uma insatisfação, desmotivação e conseqüentemente o insucesso.

O objetivo aqui proposto é compreender a relevância de identificar as dificuldades vivenciadas por educandos e buscar vencer esses desafios com a mediação e motivação oportunizando conhecimentos a partir desses conceitos.

O percurso metodológico do artigo procura levantar informações sobre o tema para a elaboração de uma proposta fundamentada de subsídios teóricos e pesquisas realizadas com dados bibliográficos sobre o gênero, destacando por fim, o uso de artigos, ambos contribuíram para uma descrição minuciosa e para o aprofundamento sobre a temática.

## 2. DESENVOLVIMENTO

Educar é algo que exige muito envolvimento, responsabilidade e dedicação por parte daquele que se disponibiliza em exercer tal prática. O educador que possui essas características se destaca ao desenvolver sua prática docente pelo fato de todas as suas ações estarem em evidência e refletirem diretamente na vida escolar de seus alunos.

Mas é notório que o sistema educacional passa por um período crítico de muitas dificuldades, sendo necessária a reversão desse quadro que aponta o fracasso escolar como o problema a ser combatido em primeira ordem.

Freire (1996 p.39) diz que:

“É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Dessa forma, pode-se analisar que o sistema educacional em nosso país tem enfrentado um momento delicado de total descrédito.

Quando o assunto é educação, o que vem em sua mente? A resposta a essa pergunta para a maioria das pessoas, pode estar relacionada a um pedido de socorro, deixando clara a importância de uma discussão pelo que se deseja buscar para aquilo que representa uma educação de qualidade.

Sobre o sistema educacional brasileiro em dias atuais é sabido que, pouco se avançou diante de muitas tentativas e essa dura realidade depende muito mais das pequenas ações do que grandiosos feitos que não funcionam porque não priorizam entender a complexidade da questão. Sobre esse aspecto Freire (1996 p.109) destaca:

“Quando falo em educação como intervenção me refere tanto à que aspira às mudanças radicais na sociedade, no campo da economia, relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, à terra, à educação, à saúde, quanto ao que, pelo contrário reaccionariamente pretende imobilizar a História e manter a ordem injusta”.

As pequenas ações implicam em potencializar em cada indivíduo a responsabilidade que lhe compete e delas se conscientizar para que as mudanças aconteçam. Essa consciência possibilita entender o verdadeiro papel cabível a cada um dentro do processo que objetiva melhorar e transformar o então referido sistema educacional.

É um trabalho que demanda parcerias entre todos que fazem parte dessa organização, devendo cada colaborador conhecer bem qual é a sua contribuição dentro das funções que lhes representam. A escola deve primar pela parceria de pais, alunos e educadores.

Para transformar se faz necessário enfrentar e confrontar os inúmeros desafios que surgirão ao longo do caminho, sem esperar por ações externas. Se não há vontade política ou o outro não faz o que deveria, em nada isso irá influenciar no seu comportamento, tão pouco minar ou afetar o entusiasmo no querer fazer a diferença.

Se cada um tiver noção da importância do seu trabalho jamais deixará de realizá-lo, mesmo que todos os envolvidos não ajam de forma adequada e negligenciem em sua atuação como participante do processo, já que, para ser um colaborador comprometido, é necessário apenas ter vontade e iniciativa.

A educação precisa de investimentos, mas muito mais de colaboradores encorajados que acreditem no seu desempenho em, lutar pelo sucesso e banir o fracasso, para que se construa a educação tão idealizada.

Pensar em qual seria esse modelo de educação é avaliar de que forma a escola é vista nos dias de hoje, o que é preciso mudar imediatamente, e identificar quais as problemáticas para que sua imagem esteja tão desgastada e a torne desinteressante.

A qualidade do ensino, principalmente nas camadas sociais mais baixas deixa muito a desejar, trazendo uma reflexão do falso discurso de que a educação é um direito de todos. Uma boa educação deveria ser esse, o direito de todos, é o mínimo que se espera e nesse sentido, Ceccon, (2012, p. 22) aborda:

“A realidade da escola desmente suas promessas de acesso igual para todos. As estatísticas sobre os resultados escolares contradizem a esperança de que a escola possa servir de escada para que todos consigam melhorar de vida”.

Diante desse cenário excludente fica difícil, mas não impossível, tratar essa situação para que as coisas aconteçam de fato e não só constem em documentos engavetados.

É possível mudar quando, ao invés de procurar apontar um culpado para o problema, cada um perceba e assuma as próprias falhas. A postura adotada pelas escolas deve se adequar a realidade, pensando sempre em como atender da melhor forma a sua clientela.

Conhecer a comunidade, as famílias, os alunos e suas reais necessidades, faz com que a instituição construa uma relação de proximidade que lhe permitirá executar ações mais efetivas e eficazes diante das eventualidades.

Quando a escola consegue esse feito consegue também, desconstruir a ideia equivocada de que se a comunidade é carente não precisa de muita coisa, que dirá um bom ensino. Ter esse tipo de postura é cruel e desumano, tendo em vista que o papel da escola além de transmitir conhecimento é também o de transformar.

Bom mesmo seria se todas as escolas de comunidades carentes não admitissem que seus alunos recebessem um ensino que os deixasse aquém dos alunos que possuem uma condição mais privilegiada, que lhes permitissem lutar de igual modo por oportunidades.

Uma escola com essa ideologia precisaria contar com uma equipe comprometida e disposta a trabalhar duramente. Uma equipe motivada ciente de suas responsabilidades para com seu público e principalmente que ame praticar a arte de ensinar.

Como docentes, ao avaliar suas práticas pedagógicas, partam do princípio que a aprendizagem, bem como o conhecimento, é mais significativa quando trabalhados com mediação e motivação, como prática pedagógica na aprendizagem.

Saber de que forma a mediação e motivação podem contribuir como prática para a construção do conhecimento requer do docente nada mais que, construir um ambiente de trabalho que lhe permita mostrar o quanto ama ensinar.

Para que exista um ambiente favorável à prática docente, vale ressaltar que se trata de um espaço específico que nem sempre está adequado, mas um lugar dinâmico e privilegiado por oportunizar o saber.

Hoje, o educador se depara com a difícil tarefa de conquistar no aluno o desejo de estar na escola, dela fazer parte e entendê-la como lugar de realizações pessoais e

coletivas. A escola vista por aí, não apresenta atrativos capazes de convencer sua clientela de que, estar nesse ambiente consiste em algo de muito valor.

Atacar esse problema é buscar novos caminhos e reconhecer que essa situação atual, ocorre porque a escola perdeu sua identidade e apresenta uma caricatura para camuflar sua realidade ao longo de toda a história. A falta de vontade e engajamento pela aprendizagem se tornou um hábito e a escola perdeu sua credibilidade.

Criar uma política de incentivos e estabelecer uma relação de confiança para que se perceba que investir em pessoas é algo valioso e um fundamento sobre o qual todos os relacionamentos devem se construir.

Por esse motivo o papel do professor é de suma significância dentro do processo, ele é o sujeito que estará em constante convívio com o aluno estabelecendo uma relação de proximidade.

É importante então o professor pensar, em que tipo de ambiente pretende construir para se relacionar com seu aluno, já que ambos estarão juntos por um longo período. Em quais circunstâncias desenvolverá seu trabalho em sala de aula, sem que essa relação se desgaste, deve saber exatamente o que quer e onde almeja chegar como Haydt, (2006 p.113) relata:

“Por isso o professor consciencioso, quando entra em uma sala de aula, geralmente sabe o que pretende conseguir, isto é, ao iniciar seu trabalho, ele já tem em mente, ainda que de maneira implícita, os objetivos a serem atingidos”.

Todo professor que tem em sua mente o desejo de realizar um bom trabalho, com propósitos e metas definidas, tende a ter um perfil não só de professor, mas de um educador.

A sua prática deve estar alicerçada em ações mediadoras e motivadoras, que atendam seus alunos de forma plena na construção do saber, mas também na transformação do indivíduo.

O professor mediador e motivador quando percebido, passa ser uma referência no seu meio de atuação, tanto para os demais funcionários como também para seus alunos, que por admirá-lo desejam ser como ele.

A necessidade de se fazer uma pesquisa prévia e consistente permitirá ao professor entender melhor as diversas situações que irá enfrentar ao longo de todo percurso. Conhecer a comunidade, as famílias, a vizinhança e o comércio regional, se apresentar mostrando sua satisfação em estar tendo uma grande oportunidade de se integrar a eles e se colocar à disposição.

Isso deve acontecer de forma natural, com pequenas conversas que vai lhe possibilitar entender como é o dia a dia das pessoas que moram na região e que provavelmente farão parte do seu cotidiano escolar.

Essa proximidade tem a função de entender quais são as principais necessidades das pessoas, os problemas mais comuns enfrentados por eles e quais as demandas. Estabelecer uma relação de confiança que será construída a partir dessa prática, facilitará o desenvolvimento de seu trabalho docente.

O seu trabalho começa antes mesmo de ter seu primeiro contato com a turma, é um trabalho que envolve muita pesquisa e necessita de disposição. Essa característica não pode faltar de maneira nenhuma nesse profissional, pois o entusiasmo, interesse e disposição enriquecerão sua atuação. Haydt, (2006 p.76) diz que: *“O que o professor pode fazer é incentivar o aluno, isto é, despertar e polarizar sua atenção e seu interesse, orientando e canalizando positivamente as fontes motivacionais”*.

É possível em se tratando de comunidades muito carentes, que se fará conhecer muitas situações desanimadoras, mas não se permita tirar conclusões daquilo que ainda não vivenciou. Ser firme nos seus propósitos dará a seus alunos uma chance de mudar sua dura realidade, como aborda Miranda, (2005 p.16):

“Somos seus companheiros, sim. Mas somos, principalmente, timoneiros de uma vibrante e rica jornada que os levará ao porto seguro da realização pessoal e profissional, ao compromisso inesgotável de defenderem um mundo em que caibamos todos, em condições iguais e com direito ao incansável jargão: mais justo, mais humano, mais alegre e mais afetivo”.

Não se pode tirar dos mais necessitados o direito de sonhar e lutar por novos rumos e possibilidades, e esses sonhos podem se concretizar com o trabalho docente, voltado para uma prática que motive e estimule seus alunos, reconheça e desenvolva suas capacidades.

Diante de uma vida sofrida e sem muitas perspectivas, a maioria dos alunos chegam à escola desacreditados, desmotivados e totalmente apáticos. Muitos deles até desconhecem suas habilidades de aprender e realizar as mais diversas tarefas, não acredita que tem potencial.

A maioria delas chega à escola com uma ideia formada de que não permanecerão ali por muito tempo, que será um curto período porque não enxergam futuro e também sentido do que fazer ali, e que muitas vezes serão aprovados com ou sem bagagem de conhecimento. O descaso é real, Ceccon et al,(2012 p.77) afirma que: *“Se a escola não está servindo à maioria e se, ainda por cima está dando falsas esperanças e ilusões, ela não está cumprindo com sua missão e precisa ser mudada”*.

Por esse motivo, é apropriado que o professor compartilhe com seus alunos quais são os seus objetivos e anseios, que dívida com eles suas intenções. Dessa forma, o aluno se sente como parte integrante do processo e se vê mais à vontade para participar ativamente dele, trabalhando de igual modo pelo mesmo objetivo.

Tão logo o professor conheça seus alunos, já deve passar uma boa imagem para que eles se sintam seguros e tranquilos. A mediação e motivação podem estar presentes desde o primeiro momento, devem ser trabalhadas no decorrer de todo o percurso escolar.

Essas práticas para a aprendizagem do aluno devem ser bem compreendidas, para que sejam bem utilizadas. Por isso, é preciso saber o que é mediação e motivação, qual conceito e contribuição como prática docente.

Dentro do contexto educacional é muito comum deparar-se com profissionais que não atuam como facilitadores, não estão abertos a mudanças, são travados e inflexíveis. Esse comportamento arcaico prejudica muito o desenvolvimento da aprendizagem, por não existir um espaço para que o aluno se manifeste através da interação com o outro e com o professor. Isso fica explícito nas concepções de Vygotsky como diz Rego, (1995, p.74):

“O aprendiz é o responsável por criar a zona de desenvolvimento proximal, na medida em que, em interação com outras pessoas, a criança é capaz de colocar em movimento vários processos de



desenvolvimento vários processos de desenvolvimento que, sem ajuda externa, seriam impossíveis de ocorrer. Esses processos se internalizam e passam a fazer parte das aquisições do seu desenvolvimento individual.”

Nesse momento, observamos a necessidade de mudança de postura nas práticas educacionais e a primeira delas, é ser um mediador. Isso implica ser um docente que se coloca como facilitador incentivador ou motivador da aprendizagem, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos.

Essas intervenções devem ser de acordo com a realidade e necessidade que cada aluno possui, utilizando dos recursos disponíveis para o enriquecimento de seu trabalho. Construindo seu planejamento fundamentado em informações diagnosticadas anteriormente através de suas pesquisas, sobre a realidade dos alunos. Como entendido nas reflexões de Vygotsky, de acordo com Rego, (1995 p.116):

“Mas para que ele possa intervir e planejar estratégias que permitam avanços reestruturação e ampliação do conhecimento já estabelecido pelo grupo de alunos, é necessário que conheça o nível efetivo das crianças, ou melhor, as suas descobertas hipóteses, informações, crenças opiniões, enfim, suas “teorias” acerca do mundo circundante. Este deve ser considerado o “ponto de partida”.

Todo professor deve criar condições favoráveis para a aprendizagem, tanto individuais quanto coletivas, permitindo o avanço de seus alunos. Um bom planejamento, um espaço organizado por mais simples que seja buscar recursos extras, dar autonomia aos alunos, atividades criativas e porque não, em alguns momentos delegar poder. Vygotsky expressa essa ideia como aborda Rego, (1995, p.115):

“O professor deixa ser visto como agente exclusivo de informação e formação dos alunos, uma vez que as interações estabelecidas entre as crianças também têm um papel fundamental na promoção de avanços no desenvolvimento individual.”

Suas ações pedagógicas devem estar voltadas para a contribuição em se construir o conhecimento baseado na bagagem trazida pelo aluno de todo o seu saber adquirido até então e valorizar suas experiências e cultura. Assim sendo, as intervenções aplicadas serão a favor e para o desenvolvimento de cada aluno.

O uso de variadas estratégias didáticas, não dão garantias de que os problemas não irão surgir. Eles acontecerão em diversos momentos, porém um professor bem preparado e flexível tem condições para administrá-los com segurança e eficácia.

A criatividade para enfrentar situações inesperadas é muito importante para que o professor possa antecipar suas ações. Isso contribui para que se sinta confiante e com total domínio diante das adversidades como é possível compreender com Soligo, (2014 p.51) que fala: *“Ter uma boa gestão da sala de aula ajuda a contornar problemas desse tipo. O professor tem de dar conta do previsto, lidar com o inesperado e administrar a rotina para que todos aprendam”*.

Os problemas quando surgem possibilita que o professor cresça, já que buscar por soluções demanda pensar, refletir e criar novas direções. E quando esses problemas estão diretamente ligados a necessidade do aluno, o professor precisa ser cauteloso e criterioso para mediar de tal forma que, o indivíduo perceba sua importância naquele ambiente.

Mediar não é uma tarefa simples, é necessário estar seguro do seu conhecimento e saber de quais ferramentas e recursos disponibiliza para ser capaz de reverter e transformar situações inesperadas e também muitas vezes conflituosas. Todas as ferramentas pedagógicas são importantes, mas nem sempre oportunas, é preciso analisar cada situação.

O professor mediador consegue ver como está o desenvolvimento e aprendizagem de seu aluno, isso acontece porque ele permite que a criança se expresse, dá autonomia e liberdade para que as opiniões sejam colocadas, assim a interação lhe permitirá levantar dados para saber se o que está sendo trabalhado tem sido aprendido com eficácia.

Para a mediação acontecer o professor deve ser habilidoso, nunca trabalhar de forma autoritária ou por obrigação. Ele tem que valorizar seu aluno, a cultura e sociedade que ele vive e os seus saberes, promovendo estímulos para ficar bem claro onde serão capazes de chegar com a aprendizagem que irão adquirir. Na perspectiva de Feuerstein como diz Souza, (2004 p.56):

“O mediador é capaz de enriquecer a interação do mediado com seu ambiente, utilizando ingredientes que não pertencem aos estímulos imediatos, mas que preparam a estrutura cognitiva desse mediado para ir além dos estímulos recebidos, transcendendo-os”.

A mediação como prática pedagógica, executada com compromisso e responsabilidade, concebe ao aluno, uma educação transformadora.

A outra face e característica do professor de igual importância é ser motivador, e para um conceito básico do que seria isso, é importante compreender que a motivação é responsabilidade de todos. Nesse sentido pode-se dizer que motivação é aquilo que move as pessoas ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso.

Todo ser humano para executar qualquer ação precisa de estímulos, algo que o motive para que essa ação aconteça, esse motivo pode ser algo prazeroso ou não. Sem dúvida alguma as melhores ações que se observa em um indivíduo, são motivadas por algo que lhe trouxe prazer e satisfação.

Nessa linha de pensamento, e na perspectiva de que, faz-se melhor aquilo que se gosta, caso contrário só se faz por obrigação, necessidade ou por estímulos e influências externas. Essas influências são percebidas em todas as áreas em que o homem atua, nas mais simples e nas mais complexas.

Pensar naquilo que o faz acordar e levantar cedo para ir trabalhar numa manhã fria em que o melhor a se fazer seria permanecer deitado na cama quentinha e aconchegante. Quais os fatores que motivam e influenciam fazer o contrário, e decidir que, levantar seria então o ideal? Então fica fácil concluir que em todas as ações do ser humano, sempre será necessário fazer escolhas.

Ao se decidir por escolher isso ou aquilo, sempre se pensa no que seria mais conveniente o que nem sempre seria o mais prazeroso. As escolhas são inevitáveis, mas nem sempre se escolhe pelo melhor, o que gera insatisfações, frustrações e por fim, o que se percebe é uma pessoa desmotivada e conseqüentemente infeliz.

Saber o que se quer o que se pretende quais os objetivos e projetos que norteiam em que direção andar e ser consciente do que deseja buscar, possibilita qualquer indivíduo estar perto de fazer escolhas mais acertadas. Já seria meio caminho andado para a realização pessoal.

Se sentir motivado por buscar aquilo que se deseja traz para o indivíduo a sensação de que tudo o que fizer contribuirá para o bem. Quando se motiva não se mede esforços para alcançar seus objetivos.

Na educação isso não é diferente, todos os envolvidos no processo precisam estar cientes do que desejam buscar como realização. Quais os interesses envolvidos, como querem atuar e participar dentro dessa organização educacional.

Sabe-se que é grande o número de alunos que não apostam na vida escolar como escada para realização pessoal. O desinteresse de estar na escola por que é necessário aprender é notório principalmente nas escolas públicas, todos estão muito desmotivados e precisam ver a escola de um jeito diferente.

Precisam ter outra ideia de contexto escolar e quais as outras possibilidades que poderão ser oportunizadas. É nesse momento que o papel do professor motivador tem relevância. Ele é o sujeito que estará mais perto do aluno e tem toda condição para desconstruir esse quadro, segundo Gikovate, (2002 p.76): *“O professor é um ator com missão especial, qual seja: cativar e impressionar uma platéia jovem e o interessado”*.

Essa missão é desafiadora porque o professor fica com a maior responsabilidade, pois precisa se tornar um parceiro capaz de, convencer, influenciar, envolver, estimular, instigar, provocar e aguçar, no aluno o comprometimento de se permitir transformar.

O aluno precisa estar convencido do quanto esse professor está motivado em investir neles como pessoas, e se sintam inspirados. Eles precisam ser impactados pela ação motivacional do professor, que deve se valer de metodologias construtivas e produtivas que criem expectativas e gere curiosidade.

A motivação tem relação direta com a alegria, emoção, excitação, ludicidade, diversão e bom humor, porém, essa prática não deve dar espaço para a indisciplina. O que precisa ficar claro é que essa prática nunca funcionará por imposição ou obrigação, pois ela é libertadora.

Desenvolver a prática da motivação é permitir um ambiente mais leve e relaxado para favorecer a aprendizagem que precisa ser significativa, ou seja, tudo que for

ensinado tem que fazer sentido para o aluno, e despertar nele ações motivadoras para querer aprender, como podemos analisar na visão de Boruchovitch, Bzuneck, (2009 p.71) que consiste em:

“A motivação do aluno no contexto escolar é positivamente associada há um tipo de meta de realização que corresponde a um conjunto de cognições ou esquemas mentais envolvendo propósitos, crenças, atribuições e percepções que, por sua vez levam a decisões comportamentais e a reações afetivas. Cada meta de realização representa uma razão específica para o aluno aplicar esforços ou buscar outros objetivos desejáveis”.

O professor motivador contribui para a construção do aluno também dotado de motivação, que experimenta novas emoções ao se relacionar com a aprendizagem adquirida, buscando cada vez mais, dela se apropriar.

O conhecimento está sempre em evolução, ou seja, não existe um ser tão inteligente, que se diga detentor de todo o conhecimento. Conhecimento é construção e ensinar é um processo e ambos estão em constante movimento, ou seja, ninguém já aprendeu tudo ou ensinou tudo.

Estar condicionado traz uma ideia de estar favorável a alguma mudança de postura ou pensamento capaz de transformar o ser em melhor ou pior. Mas o que se espera do ser pensante é sempre o melhor. Por tudo isso, o papel do professor que utiliza da mediação e motivação como prática na construção da aprendizagem deve buscar pelo melhor e nunca pela perfeição.

É nesse cenário que o professor terá o importante papel de transformador, pensando sempre em buscar alternativas que façam a diferença, acreditando sempre que cada indivíduo é capaz de manifestar suas habilidades, competências e inteligência, e, acima de tudo considerá-las.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acredita-se que no cotidiano escolar, a instituição tem a incumbência entre outras funções, favorecer o acesso ao ensino de qualidade possibilitando o aluno construir seu patrimônio cultural, privilegiando o trabalho pedagógico onde o professor deve ter perante a sua didática uma atitude crítica e sempre propor, analisar, discutir,

promover, planejar, favorecer e principalmente intervir elaborando tarefas que mobilize e dinamizem as operações cognitivas. O Professor tem um papel importantíssimo como educador, em perceber e intervir nas dificuldades e frustrações identificadas na aprendizagem, e buscar por novos caminhos procurando reforçar a decisão do aluno em querer aprender. Deve ter disposição para conhecer de fato seus alunos e suas particularidades, o que requer muita sensibilidade, dedicação e satisfação para ser capaz de contagiar sua classe, despertando e motivando cada um deles para a independência e autonomia conseguida através do conhecimento.

O professor deve ser um estrategista da educação que irá utilizar o seu tempo criando condições favoráveis para a prática do ensinar, estimulando a curiosidade inerente de todo ser humano, promovendo por meio da mediação e motivação, uma docência dinâmica e ativa que viabilizem a comunicação entre o desejo e emoções capazes de transformar seus alunos em indivíduos cheios de capacidades, contradizendo em todos os aspectos essa imagem construída ao longo da história, de que a escola é uma instituição fracassada, por meio da realização dele e de seus alunos.

#### 4. REFERÊNCIAS

- BORUCHOVITCH, Evely e BZUNECK Jose Aloyseo, **A Motivação do Aluno**. Vozes, Petrópolis, 2009.
- CECCON, Claudios, et al, **A Vida e a Escola da Vida**. Vozes, Petrópolis, 2012.
- FREIRE, Paulo, **A Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários a Prática**. Paz e terra, São Paulo, 1996.
- GIKOVATE, Flávio, **A Arte de Educar**. MG editores, São Paulo, 2002.
- HAYDT, Regina Célia, **Curso de Didática Geral**. Ática, São Paulo, 2006.
- MIRANDA, Simão, **Professor, Não Deixe a Peteca Cair**. Papirus, Campinas, 2005.
- REGO, Tereza Cristina, **Vygotsky Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. Vozes, Petrópolis, 2003.
- SOLIGO, Rosaura, **Nova Escola: O Dia a Dia do Professor**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2014.
- SOUZA, Ana Maria Martins de, **A Mediação Como Princípio Educacional**. Senac, São Paulo, 2004.

VYGOTSKY, L.S., **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. Martins Fontes, São Paulo, 2001.